

Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga. I*

MANUELA DELGADO

LUCIANO DOS SANTOS

Resumo

Dão-se a conhecer os grafitos e marcas de oficinas de terra sigillata, resultantes de antigas escavações ou intervenções de emergência realizadas em Braga, anteriormente a 1976, data do início dos trabalhos sistemáticos no âmbito do Projecto de Salvamento de *Bracara Augusta*.

Résumé

Les auteurs étudient les marques de potiers provenant des trouvailles occasionnelles ou de fouilles réalisées à Braga avant 1976, année correspondant au début de travaux archéologiques systématiques dans le cadre du projet de sauvetage de *Bracara Augusta*.

Summary

The authors present the graffiti and the potters stamps in T. S. uncovered in Braga before 1976, the year which marks the beginning of the systematic investigation of the roman city within the framework of the rescue programm of *Bracara Augusta*.

* Desenho de espólio: Fernando Barbosa (M. R. D. D. S.)
Fotografia: Manuel Santos (M. R. D. D. S.)

Introdução

Ainda não foi feito o estudo sistemático da terra sigillata itálica, gálica e hispânica proveniente de antigas intervenções ou achados na área de *Bracara Augusta*. E talvez já não se justifique fazê-lo: muitos desses achados são ocasionais e dispersos, doutros é impossível recuperar o contexto em que foram encontrados.

Das marcas e grafitos agora apresentados também não há qualquer registo estratigráfico. Desconhecemos mesmo a proveniência de muitas delas, doutras sabemos apenas que foram encontradas no claustro do Seminário de Santiago¹, na colina de Maximinos² e na Rua de Pedro Magalhães Gândavo³.

Muitas delas já haviam sido lidas pelo Cónego Dr. Luciano dos Santos e pelo Dr. J. J. Rigaud de Sousa⁴ mas não tinham ainda sido objecto dum estudo sistemático e de conjunto. É o que se faz hoje, por se considerar que a informação contida nas marcas de oficina de terra sigillata, mesmo quando isoladas e fora de contexto é tão importante que não só justifica como recomenda a sua publicação.

No próximo número serão publicadas as marcas e grafitos encontrados em recentes escavações, nomeadamente nas realizadas pelo Campo Arqueológico de Braga.

Neste conjunto de 36 marcas apenas 3 são itálicas (n.ºs 1 a 3). O fabrico gálico (n.ºs 4 a 20) e hispânico (n.ºs 21 a 35) rivalizam entre si. Temos dúvidas quanto ao tipo de fabrico da marca 5 para a qual também não propomos qualquer leitura. A marca 36 pertence a um fabrico de imitação. Embora sabendo o termo inadequado, usamos a palavra vernis em vez de engobe, por ele se ter generalizado na apresentação das sigillatas itálica, gálica e hispânica.

Por uma questão de uniformização apresentamos as marcas por ordem alfabética, tendo em consideração a primeira letra da marca — mesmo quando ela comporta dois nomes — no caso das marcas inteiras e a primeira letra lisível, no caso das marcas fracturadas. Segue-se a descrição e dimensões do caixilho e

1 N.ºs 1, 2, 5, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 27, 37, 39, 41, 42, 47, 50.

2 N.ºs 11, 19, 26, 29, 31, 32, 34, 38, 44.

3 N.º 25.

4 Agradecemos ao Dr. J. J. Rigaud de Sousa a amabilidade com que pôs à nossa disposição as marcas por ele encontradas e os elementos que sobre elas nos forneceu.

características das letras, referências a Oxé-Comfort e Oswald, e finalmente descrição da forma em que a marca aparece.

Duma maneira geral referimos os lugares de Portugal, Península Ibérica e Marrocos onde a mesma marca foi encontrada e transcrevemos todas as outras publicadas da mesma oficina quando provenientes da região acima do Mondego. Também podemos transcrever todas as marcas duma mesma oficina encontradas a Sul daquele rio, quando se trate de oficinas pouco conhecidas em Portugal.

Para facilitar a consulta, a numeração das marcas e grafitos é contínua, independentemente dos fabricos, sendo a mesma para o catálogo, as fotografias e os desenhos. Os desenhos das formas são apresentados na escala 1:2, os desenhos das marcas na escala 1:1 e as fotografias na escala 2:1.

Todas as letras das marcas aqui representadas são em relevo e por isso desenhadas a preto sobre fundo branco, enquanto os grafitos se representam a branco, de acordo com convenção geralmente seguida.

Marcas itálicas

Não abundam em Braga os achados antigos em terra sigillata itálica: apenas 4 marcas e alguns fragmentos dispersos, o mais importante dos quais pertence a uma tigela Drag. 29 com decoração de Perennius (SOUSA, 1973, p. 26). Os fragmentos hoje publicados, bem representativos de três diferentes fases da produção itálica, quer pelo seu fabrico quer pela forma das marcas, mostram que *Bracara Augusta* conheceu os produtos itálicos desde a fase precoce até à fase tardia desta produção. Mas precisamente uma tal distribuição no tempo aliada à reduzida quantidade de achados que as escavações posteriores confirmam parece mostrar que certamente os produtos anteriores a 15 a. C. como os de A. Titius e provavelmente a produção itálica posterior chegaram a *Bracara Augusta* apenas a título individual e esporádico.

No catálogo que se segue não damos indicações sobre o fabrico dos fragmentos de tal modo eles são característicos da fase de produção a que pertencem (GODINEAU, 1968, p. 238).

A. TITIVS

1. A.TITI

Caixilho em forma de rectângulo irregular. Inteiro (12 × 5,5). Marca radial com letras altas e finas (O.C., 1968, n.º 2001). Fragmento de base dum *catinus sesquipedalis*. Fundo interno plano, ornamentado por uma banda de guiloché complexo entre duas caneluras. Guiloché idêntico mas menos cuidado no fundo externo. Pé muito pesado e baixo com paredes levemente oblíquas e lisas. A parede interna do pé é ligeiramente facetada na base e a externa liga-se à superfície de assentamento por um ângulo arredondado, GODINEAU B-3-18 (1968, p. 243).

PVBLIVS CORNELIVS ANTHVS

2. P.COR/ANT

Caixilho rectangular. Inteiro (10 × 8). Letras dispostas em duas linhas separadas por uma barra central. Grafito n.º 37 no fundo externo.

Esta é uma das marcas usadas por Anthus, um dos escravos de Publius Cornelius, oleiro que trabalhou em Arezzo, nos fins do reino de Augusto e Tibério. Dos mesmos foram encontradas em Portugal mais quatro marcas, duas das quais provenientes de Beja: ANT/P.COR e PCORNEI/ANTHV/ (NUNES RIBEIRO, 1959, p. 79, Est. IV, n.ºs 23 e 25), uma terceira de Braga, ANT/CORN, que não conseguimos encontrar, mas que é referida por Adília Alarcão no seu estudo sobre a terra sigillata itálica em Portugal (ALARCÃO, 1971) e a quarta proveniente de Conimbriga, P. CORNE/...VS (ALARCÃO, 1975a, p. 42, n.º 26, Pl. XIII). Encontraram-se em Portugal mais vinte marcas referindo o nome de P. Cornelius e o deste associado a doze outros escravos cujos nomes se conhecem. Provêm de Alcácer do Sal, Alcoutim, Beja (Represas), Beja (Meia Légua), Conimbriga, Mértola, Miróbriga, Monção (Longos Vales) e Tróia, todas elas referidas por Adília Alarcão no estudo já citado. Esta oficina, com um bom ritmo de produção, parece ter vendido os seus produtos principalmente em Itália, Península Ibérica e também Marrocos onde são conhecidas treze marcas suas entre as quais uma de Anthus P. Cornelius proveniente de Volubilis, P.CORNELI/...IVI (BOUBE, 1979/80b, n.º 74). Em Portugal os produtos desta oficina são quase tão frequentes como os de Ateius.

3. [...]

Marca *in planta pedis* (O. C., 1968, n.º 162). As marcas *in planta pedis*, adoptadas por todos os oleiros de Arezzo por volta de 15 d. C. tiveram curta duração.

4. [...] \overline{AND}

Caixilho rectangular com os bordos arredondados. Aparentemente incompleta, não é fácil distinguir o início do caixilho (c. 17 × 5). Letras altas e nítidas. Barra do A oblíqua e N retro em nexa com o D. Não encontramos paralelo para esta marca. Base duma tigela de pé baixo triangular com o ângulo da parede externa alto e pouco pronunciado. A sua inclusão nesta ordem do catálogo resulta das dúvidas que persistem em nós sobre qual o fabrico em que devemos incluí-la: itálico, gálico ou mesmo hispânico, admitido também este último dada a grande quantidade de pequenas partículas amarelas incorporadas na pasta. Considerada, todavia, a cor escura desta, o tamanho muito reduzido das partículas amarelas, o tipo de fractura, a existência de um ou outro vacúolo alongado podemos atribuir-lhe o fabrico gálico, mau grado o brilho discreto do verniz e a sua tonalidade acastanhada lembrando ainda os produtos itálicos.

Também não nos decidimos por qualquer leitura, dada a impossibilidade de definir com clareza as dimensões do caixilho. Referimos simplesmente a semelhança de forma, talvez de tipo de marca e eventualmente de características de fabrico com a marca itá-

lica proveniente de Conimbriga, para a qual não foi proposta qualquer leitura (ALARCÃO, 1975a, p. 19, n.º 269, Pl. XIII). Notamos ainda, por outro lado, algumas analogias entre esta marca de Braga e uma marca de Amandus, oleiro de La Graufesenque e Montans durante o período de Tibério-Vespasiano (OSWALD, 1964, p. 14) que é proveniente de Volubilis, $\overline{AM\overline{AND}}/(N \text{ retro})$ (LAUBENHEIMER, 1979, p. 107, n.º 10, Fig. 7).

Marcas gálicas

Este conjunto de sigillata gálica inclui apenas formas lisas e na generalidade reduzidas aos fundos de tigelas e pratos. Dentre os primeiros apenas podemos reconhecer com segurança duas formas Drag. 27 (n.ºs 11 e 19) e uma Ritt. 9 (n.º 18) e dentre os segundos uma Drag. 18 (n.º 14), os restantes podendo distribuir-se muito provavelmente entre esta e a forma Drag. 15/17. O fabrico é bastante homogéneo, diferindo apenas na tonalidade das pastas — que variam entre o bege rosa e o castanho avermelhado — e no maior ou menor brilho do vernis. Exceptuam-se o n.º 16, com a pasta vermelha escura e vernis quase mate e o n.º 17 com pasta vermelha a tender para o laranja e vernis escuro provavelmente pouco brilhante e quase totalmente desaparecido.

Apesar de todos os vasos aqui representados provirem de La Graufesenque e admitindo que as diferenças de fabrico notadas não tenham significado assinalável elas são referidas no catálogo, após a descrição da forma, para melhor caracterização do fragmento.

Este conjunto de marcas gálicas não inclui nenhuma posterior ao fim do reino de Trajano e só a de Albanus e Valerius pertence a uma oficina que iniciou a sua laboração já durante a dinastia flávia. Todas as outras marcas provêm de oficinas que terminam a sua laboração antes de 70 d. C. (ANNIVS, BIO, OASTVS, MODESTVS) ou que, começando a laborar por volta de Claudio-Nero continuaram até Domiciano (FIRMO, MASCVLVS, MOMO, PONTVS, PVDENS, SABINVS e SECVNDVS).

ANNIVS

5. [...JANI

Caixilho rectangular estreito. Fragmentado (c. 16 × 3). Letras pequenas com o I muito próximo do N. (OSWALD, 1964, p. 17 e Supl. 349). Fragmento de base dum prato com fundo horizontal e pé alto de secção triangular, ligeiramente oblíquo, com a parede interna rectilínea e a externa angulosa. Pasta bege rosada. Vernis vermelho ligeiramente acastanhado com brilho acetinado e pequenas manchas mais claras no fundo externo e pé.

Considerando as dimensões do caixilho julgamos poder atribuir esta marca a Annius, oleiro de La Graufesenque durante o período de Tibério-Nero. Terminou a sua laboração antes de 70 d. C. e os seus produtos tiveram uma difusão reduzida e essencialmente continental. Conhecem-se duas marcas provenientes de Tarragona, mas nenhuma de

Mérida (MAYET, 1978). Não figura entre as marcas do Museu de Rabat (Marrocos), já publicadas (LAUBENHEIMER, 1979). Em Portugal encontraram-se cinco marcas desta oficina, uma a Norte do Mondego proveniente da citânia de Briteiros, OFANI [...] (BAIRRÃO OLEIRO, 1951, p. 86, n.º 5), uma de Vipasca (VEIGA FERREIRA, 1964, p. 318, n.º 1) e três de Conimbriga (ALARCÃO, 1975b, n.ºs 236 a 238, Pl. XXX, XXXI).

BIO

6. BIOFECIT

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas e muito estreito. Inteiro (17 × 3). Letras muito características, em bom relevo, curtas e oblíquas em relação ao plano do caixilho. Essa obliquidade nota-se em especial nas barras do F e E e no C, muito aberto. O I e o T, também são oblíquos e divergentes entre si. (OSWALD, 1964, p. 43. e Supl. 359 e 424). Fragmento de base duma tigela com o fundo espesso e encurvado. Pé de secção rectangular com ângulo baixo muito pouco acentuado. Pasta bege rosada. Vernis vermelho ligeiramente acastanhado. Muito brilhante e estaladiço em todo o fundo externo e parede externa do pé.

Segundo Oswald, Bio trabalhou em La Graufesenque no período de Claudio-Nero, mas outros autores consideram que o começo da sua actividade pode remontar aos anos 30, sob Tibério. A laboração desta oficina terminou certamente antes de 70 d. C. Os seus produtos tiveram uma difusão considerável. Todavia, na Península Ibérica conhecem-se apenas quatro marcas, uma proveniente de Tarragona e três outras de Ampúrias, dentre as quais uma BIO FECIT. O nome deste oleiro também não figura entre as marcas gálicas do Museu de Rabat. Em Portugal conhecem-se mais duas marcas desta oficina, uma proveniente de Conimbriga, OFB[IO] (ALARCÃO, 1975b, p. 111, n.º 242, Pl. XXXI) e outra da citânia de Briteiros, BIO OIIIC, segundo leitura de Mário CARDOSO, (1943, p. 248), ou BIO O?FI, segundo leitura de A. ALARCÃO (1975b, p. 111, n.º 242).

CASTVS

7. OFCASTI

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Inteiro (12 × 3). Letras muito bem desenhadas e regulares. (OSWALD, 1964, p. 65 e Supl. 368). Base de *catillus*. Fundo cónico muito elevado. Pé muito alto e levemente oblíquo, de secção triangular com a parede exterior angulosa. Pasta castanha avermelhada. Vernis vermelho acastanhado. muito brilhante e acetinado.

Esta é a marca mais frequente de Castus, oleiro de La Graufesenque durante o período de Claudio-Nero. Os produtos com marcas deste oleiro tiveram larga difusão. Todavia, apenas cinco marcas são referidas por Oswald como encontradas na Península Ibérica (duas das quais OF CASTI) provenientes de Ampúrias e Tarragona. Também apenas uma marca foi encontrada em Mérida. Não figura entre as marcas do Museu de Rabat, contudo Oswald refere a marca CASTV FE como tendo aparecido em Volubilis. No Norte de Portugal, no castro de Fiães da Feira encontrou-se a marca OF CAST (BAIRRÃO OLEIRO, 1951, n.º 13), também conhecida em Ampúrias. Três outras marcas desta oficina são conhecidas no centro e sul do país: duas em Monte Molião (SANTOS, 1971, pp. 352 e 353); uma em Beja (Represas) (NUNES RIBEIRO, 1959, n.º 92).

FIRMO**8. FIRMO**

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Inteiro (17 × 3). Letras do mesmo tipo da marca n.º 6, em bom relevo, curtas e ligeiramente oblíquas em relação ao plano do caixilho. (OSWALD, 1964, p. 123 e Supl. 386 e 426). Base dum *catillus*. Fundo elevado. Pé triangular muito alto com a parede externa angulosa e a interna com fina canelura. Pasta bege rosada. Vernis vermelho ligeiramente acastanhado. Muito brilhante e acetinado.

A oficina de Firmo, oleiro de Montans e La Graufesenque, laborou durante um largo período, entre Cláudio e Domiciano. Produtos com a marca FIRMO, a mais frequente, encontraram-se em França, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Norte de África. Em Portugal, todavia, conhece-se apenas um fragmento de tigela provavelmente Drag. 24/25, com esta marca, encontrada no nível trajânico das grandes termas Sul de Conimbriga (ALARCÃO, 1975b, p. 116, n.º 269, Pl. XXXI). Uma outra marca deste mesmo oleiro é conhecida em Beja, FIRMON (NUNES RIBEIRO, 1959, p. 115, n.º 10, Pl. II).

MASCLVS ou MASCVLVS**9. $\overline{M\dot{A}SCLI}$ [.M] ou $\overline{M\dot{A}SCLI}$ [.MA]**

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 13 × 4). Nexo entre o M e o A. (OSWALD, 1964, pp. 192 e 193 e Supl. 403). Pequeno fragmento não desenhado. Pasta vermelha escura. Vernis vermelho brilhante pouco espesso, pouco aderente e muito estragado.

Masculus foi um oleiro de La Graufesenque cuja actividade máxima deve ter-se situado entre 54 e 68 d. C. Não há concordância quanto aos limites cronológicos da laboração desta oficina. Oswald propõe o período compreendido entre Cláudio e inícios de Vespasiano, outros, entre 25 a 85 d. C. (MARY, 1967, p. 42) e 55 a 75 d. C. (CUNLIFFE, 1971, p. 310). As leituras que propomos são-nos sugeridas pelas dimensões do caixilho e ambas correspondem a marcas muito pouco frequentes. A primeira, $\overline{M\dot{A}SCL.M}$, é conhecida em Amiens e Trions e a segunda, $\overline{M\dot{A}SCLI.MA}$, em Menneval, Reims e Bavai. Esta última é também a leitura proposta por VERNHET (1975, AppendiceI) para a marca incompleta deste oleiro proveniente de Conimbriga, $\overline{M\dot{A}S[L]}$ (ALARCÃO, 1975b, n.º 292). Além desta, em Portugal conhece-se mais uma marca de Miróbriga, $\overline{M\dot{A}SCLVSVF}$ (FERRER DIAS, 1976/77, p. 388, n.º 10).

MODESTVS**10. OFMODE[S]**

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 20 × 3,5). (OSWALD, 1964, pp. 207 e 208 e Supl. 406 e 407). Fragmento de *catillus*, Drag. 18 ou 18/31. Fundo cónico muito elevado e pé fino triangular e muito alto com a parede externa angulosa. Pasta castanha avermelhada. Vernis vermelho brilhante.

Modestus foi um oleiro cujos produtos tiveram uma larga difusão na época de Cláudio-Nero. Algumas das suas marcas, muito bem datadas, confirmam-no como um oleiro

exclusivamente pré-flaviano. Hesitamos entre a leitura proposta para esta marca e a de OFMODE, uma das mais frequentes ao lado de OF.MODES. Optamos pela primeira, atendendo às dimensões prováveis do caixilho e à existência de duas marcas que nos parecem muito semelhantes a esta, uma, completa, proveniente de Mérida, OF MODES (MAYET, 1978, n.º 116, Pl. IV) e outra de Verulamium, [OFM]ODES (FRERE, 1972, p. 36, S43, Fig. 81). A marca de Verulamium, embora não podendo ser datada rigorosamente é considerada, com grande probabilidade, como sendo de 50 a 70 d. C.. Ainda em Mérida (MAYET, 1978, n.º 117) e em Tongres (SCHAEZTEN, 1964, n.ºs 467 e 468) aparece esta marca com o DE em nexa. Em Portugal conhecem-se mais cinco marcas desta oficina: uma proveniente de Torres Novas (Vila Cardílio) (ALARCÃO *et alii*, 1966/67, p. 295, n.º 16, Est. IV) e as restantes de Conimbriga (ALARCÃO, 1975b, n.ºs 294 a 297).

MOMMO

11. MO[M]

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Pequeno círculo com diâmetro aproximadamente igual ao comprimento do caixilho. Fragmentado (c. $14 \times 3,5$). O M é de difícil leitura (OSWALD, 1964, pp. 208 e 209). Fragmento de tigela Drag. 27. Parede espessa com curvatura muito alargada. Pé muito alto, triangular, com a parede interna lisa e a externa moldurada. Pasta castanha avermelhada. Verniz vermelho muito brilhante e acetinado na face externa. Deteriorado e baço na face interna.

Esta é uma das marcas mais frequentes de Mommo, oleiro de La Graufesenque cujos produtos tiveram enorme difusão, durante um longo período que, segundo Oswald se estende de Cláudio a Vespasiano, mas que outros autores consideram ainda mais lato: de Nero até cerca de 80 d. C. (FRERE, 1972, p. 224; CUNLIFFE, 1968, p. 138) e mesmo de 25 a 85 d. C. (MARY, 1967, p. 43). Além dos sítios referidos por Oswald a marca MOM foi também encontrada em Marrocos em três tigelas das formas Drag. 24/25 e 27 todas provenientes de Banasa (LAUBENEHEIMER, 1979, n.ºs 144, 145 e 148, Figs. 10 e 11) e em Mérida (MAYET, 1978, n.º 124, Pl. IV). Os produtos de Momo foram muito conhecidos em Portugal e divulgadas já diversas marcas desta oficina, o que nos permite verificar que esta é a menos frequente pois apenas se conhece mais um exemplar proveniente do castro de Sanfins (BAIRRÃO OLEIRO, 1951, n.º 38). Em Briteiros encontrou-se a marca OF MOM (SERPA PINTO, 1929, p. 139, n.º 12, Fig. 1, n.º 8; BAIRRÃO OLEIRO, 1951, n.º 38). Mais seis outras idênticas ou com diferentes punções, foram encontradas, provindo 5 de Conimbriga (ALARCÃO, 1975b, n.ºs 298 a 301) e uma de Beja (Represas) (NUNES RIBEIRO, 1959, p. 15, n.ºs 41 e 42).

PONTIVS ou PONTVS

12. OF PONT

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Inteiro ($14 \times 3,5$ a $4,5$). Letras em bom relevo, mas não muito regulares. Decidimo-nos pela leitura OF PONT — considerando o F representado por dois traços verticais — e não OFI ou OF, porque o traço menor parece-nos demasiado alargado para constituir um ponto e não há vestígios de alguma vez ter possuído o comprimento necessário para poder ser considerado

um I. Grafito n.º 39 no fundo externo (OSWALD, 1964, p. 243). Pequeno fragmento não desenhado. Pasta bege rosada. Vernis vermelho ligeiramente acastanhado e muito brilhante.

OF PONT é uma das três marcas desta oficina provenientes de Tarragona. Só mais duas são referidas por Oswald como provindo de Espanha (Ampúrias). Uma única marca figura entre as de Mérida publicadas por MAYET (1978, n.º 142) e não se encontra entre as de Marrocos publicadas por Laubenheimer. Em Portugal conhecemos apenas uma marca proveniente de Beja (Represas), FPONT. (N retro) (NUNES RIBEIRO, 1959, n.º 49). Oswald coloca a actividade desta oficina entre Vespasiano e Trajano. Outros autores, propõem, todavia uma cronologia diferente que situa a sua laboração entre 60/65 a 80/90 d. C. Assim, em Verulamium, a marca OF PONTI aparece sobre uma forma Drag. 29 com decoração datada de 65 a 80 d. C. (FRERB, 1972, p. 224, S20, Fig. 81); Cunliffe considera também que nada prova que esta oficina tenha estado em laboração ainda sob Trajano, concorda que os seus produtos tenham circulado sobretudo em época flávia mas é certo que o início da actividade de Pontus, deve colocar-se na época de Nero, a julgar por marcas suas encontradas em Ritt. 8 e sigillata marmoreada e pelas próprias marcas encontradas em Fishbourne que provêm de sítios ocupados entre 60/80 d. C. (CUNLIFFE, 1968, p. 141, n.º 112; IDEM, 1971, p. 313, n.º 78).

PVDENS

13. OJFPVDEN

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 17×3). Letras regulares ocupando toda a altura do caixilho. O N final mal definido. Pequeno fragmento de forma indeterminável, não desenhado. Pasta bege rosada. Vernis vermelho ligeiramente acastanhado e muito brilhante.

Não encontramos nenhum exacto paralelo para esta marca de Pudens, oleiro de La Graefesenque. Uma das marcas mais frequentes deste oleiro, e conhecida em França, Inglaterra, Alemanha é OF.PVDEN, com um ponto depois do F. A Península Ibérica estaria ausente da lista de quarenta e sete lugares referidos por Oswald onde apareceram diversas marcas de Pudens, não fôra uma, PUDENTIS, encontrada em Ampúrias. O nome deste oleiro também não figura nas marcas publicadas de Mérida e Marrocos. Não conhecemos nenhuma encontrada em Portugal. Uma marca OFPVDEN sem ponto mas com nexos entre o E e N é conhecida em Richborough (CUNLIFFE, 1968, p. 141, n.º 118). Segundo o autor esta marca encontrada em Rottweil sobre uma forma Drag. 29 com decoração de c. 75/85 obriga a alterar a proposta de Oswald que data a laboração da oficina de Pudens de Cláudio-Nero.

SABINVS

14. SABIOF

Caixilho bífido. Inteiro (17×4). O S mal desenhado e confundindo-se com a extremidade do caixilho. O desenho do O, pouco claro, dificulta a interpretação da marca que talvez admitisse também a leitura SABOF. (OSWALD, 1964, pp. 272 e 273 e Supl. 417). Fragmento de *catillus* de forma Drag. 18. Parede bastante alta e um pouco aberta com lábio espesso e arredondado. O fundo eleva-se para o centro com movimento ondulante.

Ligeiro ressalto na junção com a parede interna. Pé triangular oblíquo e muito alto com a parede externa encurvada. Pasta castanha avermelhada. Vernis vermelho brilhante.

Qualquer que seja a correcta leitura desta marca ela é uma das menos usuais de Sabinus, oleiro de La Graufesenque e Montans, cuja abundante produção se estendeu segundo Oswald, de Nero a Domiciano; segundo outros autores teria mesmo começado em 45 e continuado até cerca de 105 d. C. (CUNLIFFE, 1961/69, p. 34, n.º 84). A marca SAB OF foi encontrada em Poitiers numa forma Drag. 18 e a marca SABIOF numa forma Drag. 27 proveniente de Ampúrias. O Museu da Sociedade Martins Sarmento guarda três marcas provavelmente de Sabinus, segundo Serpa Pinto: SABINIO (2 ex.) e II NIBINI? (SERPA PINTO, 1929, p. 41, n.ºs 19 a 22; BARRÃO OLEIRO, 1951, n.º 45). Foram dadas a conhecer mais onze marcas do centro e sul do país: seis provenientes de Conimbriga (BARRÃO OLEIRO, 1951, n.º 45; ALARCÃO, 1975b, p. 125, n.ºs 332 a 334); três de Miróbriga (ALMEIDA, 1964, Fig. 17, n.º 8; FERRER DIAS, 1976/77, n.ºs 120 e 121); uma de Santo André (UBIETO, 1955/56, p. 175) e uma do Algarve (COMFORT, 1959, n.º 32).

SECVNDVS

15. OFSECVN

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Inteiro (15×4). Letras pouco regulares, o O com barra central, o S muito alongado e o C parecendo muito aberto. (OSWALD, 1964, pp. 287 a 289). Fragmento de tigela Drag. 24/25?. Fundo quase horizontal, pé baixo de secção triangular com o ângulo pouco acentuado. Pasta castanha avermelhada. Vernis vermelho brilhante.

Marca de Secundus, oleiro de La Graufesenque cuja produção, muito abundante, Oswald considera ter-se estendido de Cláudio a Vespasiano. As oito marcas deste oleiro apresentadas por Cunliffe não contradizem esta cronologia pois o autor, embora julgue muito difícil distinguir as inúmeras marcas dos vários Secundi, considera todas aquelas provenientes do Sul da Gália e muito provavelmente do tempo de Nero e início dos Flávios. A produção deste oleiro parece todavia ter-se estendido até Domiciano (BIRDWELL, 1979, p. 184). A marca OF. SECVN, com um ponto depois da fórmula OF é muito frequente. Sem ponto apenas conhecemos uma marca sobre uma forma Drag. 27 proveniente de Banasa, Martocos (LAUBENHEIMER, 1979, p. 164, n.º 227, Figs. 12 e 13). Em Portugal conhecemos quatorze marcas deste oleiro todas encontradas no centro e Sul do país: seis provenientes de Conimbriga (BARRÃO OLEIRO, 1951, n.º 48; ALARCÃO, 1975b, p. 126, n.ºs 338 a 342; VERNHET, 1975, n.º 340); uma de Torres Novas (Vila Cardílio) (ALARCÃO *et alii*, 1966/67, pp. 295 e 296); uma de Troia (COMFORT, 1959, n.º 25); uma de Vispasca (Aljustrel) (VEIGA FERREIRA, 1964, n.º 14, Fig. 5); três de Beja (Represas) (NUNES RIBEIRO, 1959, n.ºs 59 a 61); e uma de Milreu (Algarve) (BARRÃO OLEIRO, 1951, n.º 48).

C. VALERIVS e ALBANVS

16. [C.VA]L.ALBAN

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (prov 30×5). Letras em bom relevo. B mais alto que as restantes letras e nexa entre as letras A e L e AN. (OSWALD, 1964, p. 324 e Addenda 428). Fragmento de tigela. O fundo continua

a curvatura da parede. Pé baixo de secção triangular com o ângulo da parede externa arredondado. Pasta vermelha escura. Vernis vermelho, aderente e bem conservado quase mate.

Esta é uma marca dos oleiros C. Valerius e Albanus que trabalharam em La Graufesenque durante o período flávio. Dentre as trinta e uma marcas incluídas no *Index* de Oswald esta é a segunda mais frequente, depois de C.VAL.ALB.. Apareceu em formas Drag. 18 provenientes de Bavai, Vechten e Rottweil e ainda em Trion, Vindomissa, Nymwegen Weisenau (Mainz) e Wiesbaden. Não figura entre as marcas publicadas de Mérida nem de Marrocos. Também parece não ser conhecida em Portugal.

17. ?

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Inteiro (9×4). Fragmento de tigela, com fina canelura no fundo interno formando um círculo de 16 mm. Pé muito espesso, quase rectangular. Larga canelura na junção com o fundo. Pasta diferente de todas as outras, vermelha alaranjada. Vernis quase totalmente desaparecido.

18. IAIHIII

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 20×3,5). Fragmento Ritt. 9. Parte superior da parede interrompida a meio por uma canelura muito fina. O ângulo de junção das duas paredes é acentuado por uma moldura saliente e excepcionalmente alongada para a parte inferior onde substituiu a normal canelura com rebaixamento. Uma fina canelura no fundo interno forma um círculo com 25 cm de diâmetro. O pé alto, triangular e oblíquo apresenta um pequeno ressalto na junção com a parede e com o fundo externo. Pasta castanha avermelhada. Vernis vermelho com brilho acetinado.

19. FV? [...]

Caixilho rectangular muito estreito e com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 17×2). Pequeno círculo de 16 mm. A extremidade inicial do caixilho parece esborrada. Fragmento numa pequena tigela Drag. 27. Parte inferior da parede muito espessa ornamentada por uma canelura muito fina. A junção com a parte superior aparentemente muito menos espessa é acentuada externamente por uma pequena moldura sobreposta a uma canelura. O pé triangular é oblíquo, fino e muito alto. Tem a parede externa muito angulosa e ornamentada por uma canelura como nos exemplares pré-flávios. Pasta castanha avermelhada. Vernis muito brilhante e acetinado na face externa.

20. OF[...]

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 14×3). Fragmento de *catinus*. Fundo elevado. Pé alto triangular com a parede externa angulosa e a interna oblíqua e lisa. Pasta castanha avermelhada e muito dura. Vernis brilhante.

Marcas hispânicas

Tal como acontece com a produção gálica também este conjunto de sigillata hispânica inclui apenas formas lisas e estas distribuídas por tigelas e pratos, alguns dos quais provavelmente das formas Drag. 27 e 15/17.

O fabrico no seu conjunto, embora menos homogêneo que o gálico, parece-nos característico da produção hispânica dos séculos I e II d. C. com a cor da pasta variando entre rosa e vermelho veneza, pouco dura ou menos dura que a gálica, com desengordurante, por vezes muito abundante, constituído por partículas amareladas, aparência esponjosa e fractura não vítrea mas regular, com presença de pequenos vacúolos arredondados. O vernis mais ou menos brilhante deixa ver, frequentemente, a textura granulosa da pasta e pode ser de excelente qualidade como nos fragmentos n.ºs 42, 45 e 48. Os n.ºs 29, 31, (35), 47 destacam-se pela cor mais clara da pasta com muito menor quantidade de partículas amareladas e pelo vernis mais alaranjado, muito brilhante e menos aderente que os aproximam da típica produção hispânica tardia. No catálogo referimos mais detalhadamente as características de fabrico de cada fragmento por considerarmos que tais indicações podem ser de alguma utilidade para uma futura identificação de oficinas dentro dos grandes centros de produção. Para a designação da cor utilizámos o código de cores de solos de A. CAILLEUX s/d, com a designação proposta no Boletim do Museu Arqueológico Nacional (1983, pp. 121 e 122).

BRITTO

21. [OF.BR]ITO

Caixilho rectangular com a extremidade ligeiramente côncava. Fragmentado (c. 32×3,5). As letras ocupam toda a altura do caixilho com excepção do O mais pequeno. Não é clara a barra do T, mas perceptível na penúltima letra. Parece ausente na antepenúltima o que nos leva a concluir pela presença dum único T. Tratar-se-ia assim da marca OF BRITO. Fragmento de tigela com o fundo interno com círculo inciso regular (diâm. 42). Pé alto de secção triangular com a parede externa angulosa. O fundo externo apresenta uma moldura característica. A pasta distingue-se de todas as seguintes pela sua cor parda muito pálida (M-55) com abundante desengordurante, muito esponjosa e de fractura irregular. O vernis com uma cor mais escura que a habitual é mate, muito aderente e bem conservado.

Conhecem-se muito poucas marcas atribuídas à oficina de Britto e todas elas com a mesma assinatura. Em Portugal apenas três foram dadas a conhecer, uma das quais proveniente de antigas escavações de Conimbriga, OFBRITO (MAYET, 1973, pp. 11 e 12, n.º 7, Pl. I e IV) e duas outras de Vaiamonte, OFBRITO (CAEIRO, 1974/1977, p. 228, n.º 4) e /.../RITO (VEIGA FERREIRA, 1969, p. 167). Em Marrocos, a mesma marca numa tigela, provavelmente Drag. 27, foi encontrada em Cotta (BOUBE, 1965, p. 130, n.º 18, Fig. 23).

FVLVIVS PATERNVS

22. FVLVIPATOF

Caixilho rectangular. Inteiro ($29 \times 5,5$). Letras altas e muito finas, com excepção do A, mais baixo e com barra oblíqua e paralela à perna esquerda. O O da fórmula OF muito pequeno e elevado. Não é evidente, mas provável, a presença do F que se confunde com o traço do círculo que circunda a marca (diâm. 26). Ausência de qualquer ponto. Fragmento de prato com pé alto, espesso, de secção triangular com a parede externa angulosa e a interna com uma muito leve curvatura côncava. Fundo interno bastante elevado com círculo inciso já referido. Moldura característica no fundo externo. Pasta de cor vermelho inglês (R-19/20) com partículas amarelas do desengordurante muitíssimo abundantes, esponjosa e com alguns vacúolos. Vernis deteriorado na parede externa que apresenta muitas concreções calcáreas. Na face interna está bem conservado, muito aderente e com algum brilho levemente metalizado.

Esta marca pertence seguramente a Fulvius Paternus como torna evidente a terminação em I do nome Fulvius e a fórmula OF final. Embora sem paralelo por nós conhecido ela vem confirmar a leitura já feita de outra marca da mesma oficina sobre uma forma Drag. 15/17 proveniente da casa dos repuxos de Conimbriga, EX.O.FVL.P., (MAYET, 1973, p. 27, n.º 28, Est. I e IV. Notar ainda a marca seguinte). Não conhecemos outras marcas idênticas mas apenas quatro onde figura o nome de Fulvius: sozinho em duas, uma das quais proveniente das grandes termas Sul de Conimbriga, EXOFFVL (MAYET, 1973, p. 26, n.º 27, Pl. I e IV) e a outra num fundo Drag. 27 de Volubilis, FVLV (L arcaico) (BOUBE, 1965, p. 147, n.º 72, Fig. 25, Pl. XIX). Em duas outras marcas aparece acompanhado de Paternus e Festus, provenientes de Conimbriga, [EX]O.FVL.PAT.FESTI (MAYET, 1973, p. 28, n.º 29, Pl. I e IV; EXO.FVL.PAT.F (MAYET, 1975, p. 206, n.º 382 Pl. LVIII e LIX).

23. [EX]OFVLP

Caixilho rectangular. Fragmentado (c. 26×3 a 4). As letras regulares, ocupam toda a altura do caixilho. L arcaico. Ausência de qualquer ponto. Fragmento de grande prato com fundo cónico muito elevado e sem qualquer círculo interno. Pé alto triangular e oblíquo com o ângulo da parede externa pouco pronunciado. Moldura característica no fundo externo. Pasta de cor terra siena tostada (N-47) com desengordurante muito abundante constituído por partículas muito pequenas. Alguns vacúolos mais ou menos arredondados. Vernis não muito espesso, muito aderente e bem conservado. Com algumas manchas esbranquiçadas no pé e fundo externo. Brilhante, por vezes com algumas irisões metalizadas.

Trata-se de mais uma marca de Fulvius Paternus comparável à proveniente da casa dos repuxos de Conimbriga, (MAYET, 1973, p. 197, n.º 28) e com o tipo de letra da marca de Marrocos onde também é usada a forma arcaica do L, (BOUBE, 1965, n.º 72). Estranhamente nesta marca não foi usado qualquer ponto — nem mesmo após a fórmula introdutória, o que seria normal dado ter sido excluída a letra F — de modo a tornar mais fácil a identificação dos nomes, como parece ser preocupação nas marcas acima referidas.

L.APILLIVS ou LAPILLVS**24. [LAP]ILLI·OF**

O caixilho está muito fragmentado não sendo possível determinar se as extremidades são rectangulares ou bífidas (c. 30×4 a 5). As letras são finas, em bom relevo. O F final representado apenas por uma haste vertical. L arcaico. Ponto bem nítido e alto antes do O. Fragmento muito pequeno. Pasta de cor vermelho inglês (R-19/20). Desengordurante abundante constituído predominantemente de pequenas partículas. Entre estas destacam-se, contudo, partículas médias em número considerável. Vernis de muito boa qualidade, espesso, muito brilhante e bem conservado.

Esta é uma marca não muito frequente de Lapillius, cujos produtos parece terem encontrado em Mérida e Conimbriga mercados preferenciais dada a quantidade de marcas aí aparecidas em relação ao resto da Península. Esta mesma marca e com idêntico tipo de letra, é conhecida exactamente em Trício num grande prato Drag. 15/17 (GABARITO, 1976, p. 39, n.º 31, Fig. 5, Lam. V). Um outro exemplar desta série, conhecido em Portugal, provém de Conimbriga (MAYET, 1975, p. 206, n.º 384; IDEM, 1970, p. 30, Fig. 33). Pertence à segunda série estabelecida por Mayet que admite poder atribuí-la à segunda metade do século I d. C., mais provavelmente, último quartel deste século (MAYET, 1970, p. 33). As outras marcas desta oficina, encontradas em Portugal ilustram as três séries referidas por Mayet. Assim, ainda desta segunda série conhecem-se mais duas marcas provenientes de Aramenha (MAYET, 1970, p. 29, Fig. 31) e de Conimbriga (MAYET, 1975, p. 206, n.º 386). Da primeira série, caracterizada por incluir apenas o nome LAPILLI sem qualquer formulário, conhecem-se seis marcas provenientes de Conimbriga (MAYET, 1973, pp. 29 e 31, n.ºs 31 a 34; IDEM, 1975, p. 206, n.ºs 382 e 383). Marcas com a fórmula EXOF, provavelmente mais tardias — dos fins do século I / inícios do II — conhecem-se cinco marcas, todas provenientes de Conimbriga (MAYET, 1970, p. 33, Fig. 39; IDEM, 1973, pp. 31 e 33, n.ºs 35 a 37; IDEM, 1975, p. 206, n.º 385).

L. NAS [] DE []**25. [N]AS·DII**

Caixilho rectangular. Fragmentado (c. 22×4 a 5). Letras em relevo bem lisíveis. A sem barra horizontal e S alongado e pouco encurvado. O D não é fechado na parte inferior. Fragmento muito pequeno não desenhado. Pasta de cor terra siena natural (N-55). Desengordurante muitíssimo abundante que nesta superfície do pé se apresenta mesmo não apenas em partículas minúsculas amareladas mas em finos estratos. Vernis muito brilhante e bem conservado.

Considerando as dimensões do caixilho cremos que a marca de Braga deverá ler-se [N]AS·DII tal como a de Monturque (Espanha) (MESQUIRIZ, 1961, II, Lam. 9, n.º 124) e as três encontradas em Marrocos duas das quais provenientes de Volubilis e Cotta, NASDII (BOUBE, 1965, p. 170, n.ºs 138 e 139, Fig. 27, Pl. XX) e a terceira do colector do Decumanus de Sala ao Norte do Capitólio, acompanhada de material dos meados e fins do século I d. C., NA[S]DII (IDEM, n.º 139A). Em Portugal foram dadas a conhecer marcas desta oficina provenientes de Beja (Represas) (NUNES RIBEIRO, 1959, II, p. 31, n.ºs 110 e 111) e de Conimbriga (MAYET, 1975, p. 208, n.º 395).

LVCIVS SEMPRONIVS

26. OFLSEM

Caixilho rectangular. Inteiro (25×3,5). Letras em bom relevo, bem lisíveis, mas irregulares. O M demasiado grande, o S muito alongado e oblíquo, o L ligeiramente inclinado para trás. Pequeno círculo com cerca de 9 mm de diâmetro. Fragmento de tigela Drag. 27?. Parede espessa. Fundo interno com círculo inciso (diâm. 30). Pé baixo de secção triangular e oblíquo e parede interna ornamentada com uma fina canelura. Fundo externo côncavo com umbigo. Pasta de cor terra siena tostada (M-39) depurada, com desengordurante discreto e bastante deteriorado no fundo interno em partículas muito pequenas, minúsculos vacúolos e fractura muito regular. Vernis com brilho discreto e bastante deteriorado no fundo interno.

Lucius Sempronius é um dos oleiros mais conhecidos de Tricio, cujos produtos se espalharam até ao Sul de Espanha e Norte de África. As marcas desta oficina conhecidas em Portugal provêm, na sua quase totalidade de Conimbriga (MAYET, 1973, pp. 36 a 41, n.ºs 41 a 49; IDEM, 1975, p. 207, n.ºs 390 e 391; ALARCÃO, 1971b, n.ºs 20 e 24). A marca de Braga não corresponde exactamente a nenhuma das que foram encontradas em Portugal.

VALERIVS PATERNVS

27. \overline{VAP} ou \overline{FVAP}

Caixilho anormalmente pequeno em marcas hispânicas. Inteiro (8×4). Esta marca não é fácil de ler pois, embora nos pareça clara a presença dum VAP em nexo, já parece mais difícil decidir se antes do V existe um F muito ténue e fino ou se esse traço, visível com luz muito rasante, pertence antes à haste do V cujo relevo seria defeituoso. Fragmento de fundo duma tigela provavelmente Drag. 27. O fundo interno perdeu totalmente o vernis e está deteriorado por algumas concreções calcárias aderentes que impedem decidir da existência dum pequeno círculo irregular não evidente mas admissível. Pé alto de secção triangular com a parede externa angulosa. Fundo externo côncavo com umbigo característico. Pasta de cor terra siena tostada (N-47) com desengordurante muito abundante em partículas médias. Superfície irregular com muito raros vacúolos. O vernis desapareceu por completo na parede e fundo interno. Na face externa muito brilhante e acetinado parece espesso e muito pouco aderente, deixando ver as estrias e textura da pasta.

Qualquer que seja a leitura proposta para esta marca, e a ser justa a sua atribuição a Valerius Paternus não encontrámos para ela qualquer paralelo entre as numerosas marcas conhecidas desta oficina vindo assim acrescentar a lista dos casos particulares referidos por MAYET, (1970, Figs. 22 a 24). Embora os nexos entre o \overline{VA} e \overline{AL} sejam mais frequentes na 2.ª série definida por Mayet, parece-nos que as dimensões, tipo de marca e características de fabrico conduzem a considerá-la antes da 3.ª série que, segundo a autora foi principalmente usada no século II d. C. (IDEM, p. 25). Dentre as oficinas hispânicas a oficina de Valerius Paternus, a par da de Lapillius, foi uma das que conheceram uma maior produção, a julgar pelo número de marcas encontradas em Espanha Portugal e Norte de África. Em Portugal conhecem-se diversas e variadas marcas procedentes de Conimbriga, Serrones, Padrãozinho, Vipasca, Represas, Aramenha, Alcácer do Sal, Setúbal, Elvas, Torre de Palma, num total de cerca de 30, distribuídas

pelas quatro séries referidas e cobrindo conseqüentemente um longo período. Recentemente foram encontradas duas marcas desta oficina: uma, pertencente à 3.^a série proveniente do Freixo (Marco de Canaveses) (inérita) e outra achada em recentes escavações no castro de S. Julião (Vila Verde) (MARTINS, neste volume).

28. O[MI?...]

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (18×3,5), Fragmento de tigela. Parede espessa. Fundo interno com círculo inciso (diâm. 3). Pé baixo de secção triangular com o ângulo da parede externa muito alto e pouco pronunciado. Fundo externo côncavo com umbigo. Pasta idêntica à da marca n.º 24. Vernis muito pouco espesso e pouco aderente, mate, mal conservado na parede externa.

29. EXOF[INC?]

Caixilho rectangular com as extremidades bifidas. Inteiro (34×5). O relevo das letras é fraco com excepção dos dois primeiros traços verticais, representação arcaica do E. Bem claras e também não oferecendo qualquer dúvida são as três letras seguintes do formulário EXOF, assim como a última letra da marca, um C fino e muito aberto. Já nos oferecem dúvidas a letra posterior ao F que nos parece todavia um I e a seguinte que hesitamos interpretar como um N ligeiramente esborratado na parte superior da perna direita ou um M cuja perna direita mais curta uniria ao C. Fragmento de prato com o fundo interno elevado, ornamentado por uma moldura realçada por uma funda canelura. Pé baixo e oblíquo de secção rectangular com a parede externa moldurada. Moldura característica no fundo externo. Pasta de cor terra siena tostada (M-39) com abundante desgordurante em pequenas partículas. Alguns vacúolos. Fractura regular. Vernis muito brilhante, sobretudo na face interna, onde se apresenta um pouco deteriorado. Manchas esbranquiçadas por ausência ou insuficiência de vernis.

30. OF·M[...]

Caixilho rectangular. Fragmentado (c. 34×6). Letras altas que ocupam toda a largura do caixilho. O relevo é fraco mas as letras bem perceptíveis. A haste muito ligeiramente côncava e muito oblíqua leva-nos a admitir tratar-se dum M e não dum N. Fragmento de prato. Fundo interno plano com círculo inciso (diâm. 3). Pé baixo de secção triangular com a parede interna oblíqua. Moldura no fundo externo. Pasta de cor terra siena tostada (N-47) com inúmeras e pequenas partículas amarelas. Por vezes destaca-se, isolada, uma partícula muito maior da mesma natureza. Vernis dum brilho discreto, muito pouco espesso, pouco aderente e pouco homogêneo na parede externa. Mal conservado.

31. [...]AME

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 34?×4,5). Admitimos poder tratar-se dum A seguido dum M em nexa com um E. Fragmento de prato. Paredes muito espessas com o fundo interno rebaixado. O início desse rebaixa-

mento é sublinhado por uma canelura muito superficial. Uma moldura sublinhada por duas fundas caneluras desenham um círculo central com as extremidades sobrepostas e cortado pelo caixilho. O pé é muito baixo e oblíquo. O fundo externo apresenta a moldura característica, seguida duma canelura muito fina. Pasta de cor terra siena tostada (M-39) com pouco desengordurante, alguns vacúolos arredondados, com fratura muito regular. Vernis muito brilhante e bem conservado.

32. [...]A

Caixilho rectangular com a extremidade bifida. Fragmentado (...×6). Letras altas e muito finas lembrando as das marcas de Valerius Paternus. No fundo interno, circundando a marca, círculo irregular formado por uma moldura sublinhada por duas fundas caneluras. Fragmento de prato. Parede espessa e fundo interno horizontal. Pé muito baixo de secção quase rectangular com a parede interna muito oblíqua e a externa arredondada. O fundo externo apresenta a moldura característica, seguida duma fina canelura. Pasta de cor vermelho veneza (S-20), semelhante ao da marca n.º 28. Vernis pouco espesso muito aderente e bem conservado com brilho discreto.

33. [...]I

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c.36?×4). As letras estão muito deterioradas, mas parecem ser de tipo lapidar. Fragmento de prato com a parede espessa e fundo fino e horizontal. Círculo inciso (diâm. 4). Pé baixo e oblíquo de secção quase rectangular. Superfície de assentamento com ligeira concavidade. Moldura no fundo externo. Pasta de cor terra siena tostada (N-47). Fabrico idêntico ao do fragmento n.º 30.

34. EX[...]

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado. Pequeno fragmento. A marca é circundada por um círculo inciso e uma banda de guiloché, o que raramente acontece em marcas hispânicas. Outros exemplos são algumas marcas de Valerius Paternus provenientes de Mérida e Conimbriga e existentes no Museu Nacional de Arqueologia (MAYET, 1970, Figs. 1, 2 e 45). Pasta de cor terra siena tostada (N-47). Fabrico idêntico ao dos n.ºs 30 e 33. Vernis muito deteriorado.

35. EXOF[...]

Caixilho rectangular. Fragmentado (34×3,5). Letras muito finas de relevo muito fraco e oblíquas. E arcaico e F com barra transversal do F oblíqua. Fragmento de prato. O fundo interno é ligeiramente elevado com círculo inciso (diâm. 46). Pé baixo e oblíquo de secção triangular, com a parede externa muito arredondada. Moldura no fundo externo. Pasta de cor terra siena tostada (M-39), um pouco mais clara, muito depurada e semelhante à da marca n.º 31. O vernis, que desapareceu quase por completo era pouco espesso e pouco aderente mas muito brilhante.

36. [...]ANI

Caixilho rectangular com as extremidades arredondadas. Fragmentado (c. 28×3 a 4). Letras muito finas ocupando toda a altura do caixilho. Fragmento de prato com o fundo horizontal. Círculo inciso (diâm. 66). Pé baixo de secção triangular com a parede externa muito angulosa. Fundo externo horizontal sem qualquer moldura. Fabrico de imitação.

Grafitos

Todos estes grafitos foram feitos após a cozedura. Três deles aparecem em fragmentos de sigillata itálica, um sobre um fundo de sigillata gálica e todos os outros sobre fragmentos de sigillata hispânica.

Limitamo-nos a dar aqui uma proposta de leitura dos grafitos ou daquelas letras que nos parecem evidentes ou prováveis.

37. Fundo com a marca n.º 2 e grafito fragmentado: [...]E. Letras irregulares com um primeiro traço mais profundamente gravado que o E.
38. Fragmento de *catillus* em terra sigillata itálica. Uma fina cancelura sublinha a junção da parede externa com o fundo. Pé fino muito alto e oblíquo de secção triangular com a parede externa angulosa. Cancelura muito fina na parede interna do pé. Fabrico idêntico ao anterior. Grafito de difícil interpretação.
39. Fundo com a marca n.º 12 e grafito: X.
40. Fragmento de pansa de uma forma indeterminável. Pasta cor vermelho veneza (S-20) com verniz brilhante e pouco aderente. Grafito fragmentado: [...]A[...].
41. Fragmento de tigela. Fundo côncavo com umbigo. Círculo inciso (diâm. 44). Pé alto e fino de secção triangular com a parede externa angulosa. Pasta de cor terra siena natural (N-55) com abundantíssimas pequenas partículas amarelas. Sem vacúolos. Verniz com brilho discreto pouco aderente mas bem conservado, deixando ver a textura da pasta. Grafitos fragmentados no fundo externo à roda do umbigo central: um motivo difícil de interpretar e as letras [...]AL[...] bem gravadas.
42. Fragmento do bordo dum prato Drag. 15/17 com lábio ligeiramente engrossado e arredondado. Pasta rosada (M-20) pouco depurada com abundantes partículas amarelas e alguns largos vacúolos deixados pela expulsão de impurezas. O verniz é muito brilhante e espesso acetinado na face externa embora a sua aplicação não tenha sido cuidada. Grafito aparentemente inteiro na face externa: CIRR em letras altas e finamente incisas.
43. Fragmento de prato com cancelura no fundo interno. Pé espesso e muito alto, de secção triangular, com a parede externa angulosa. Moldura no fundo externo. Pasta de cor vermelho inglês (R-19/20) com partículas amarelas não muito abundantes de tamanho médio. O verniz é brilhante, pouco espesso e aderente. Grafito fragmentado na zona plana do fundo externo: PO[TI?]. As letras, largas estão imperfeitas e pouco profundamente gravadas.

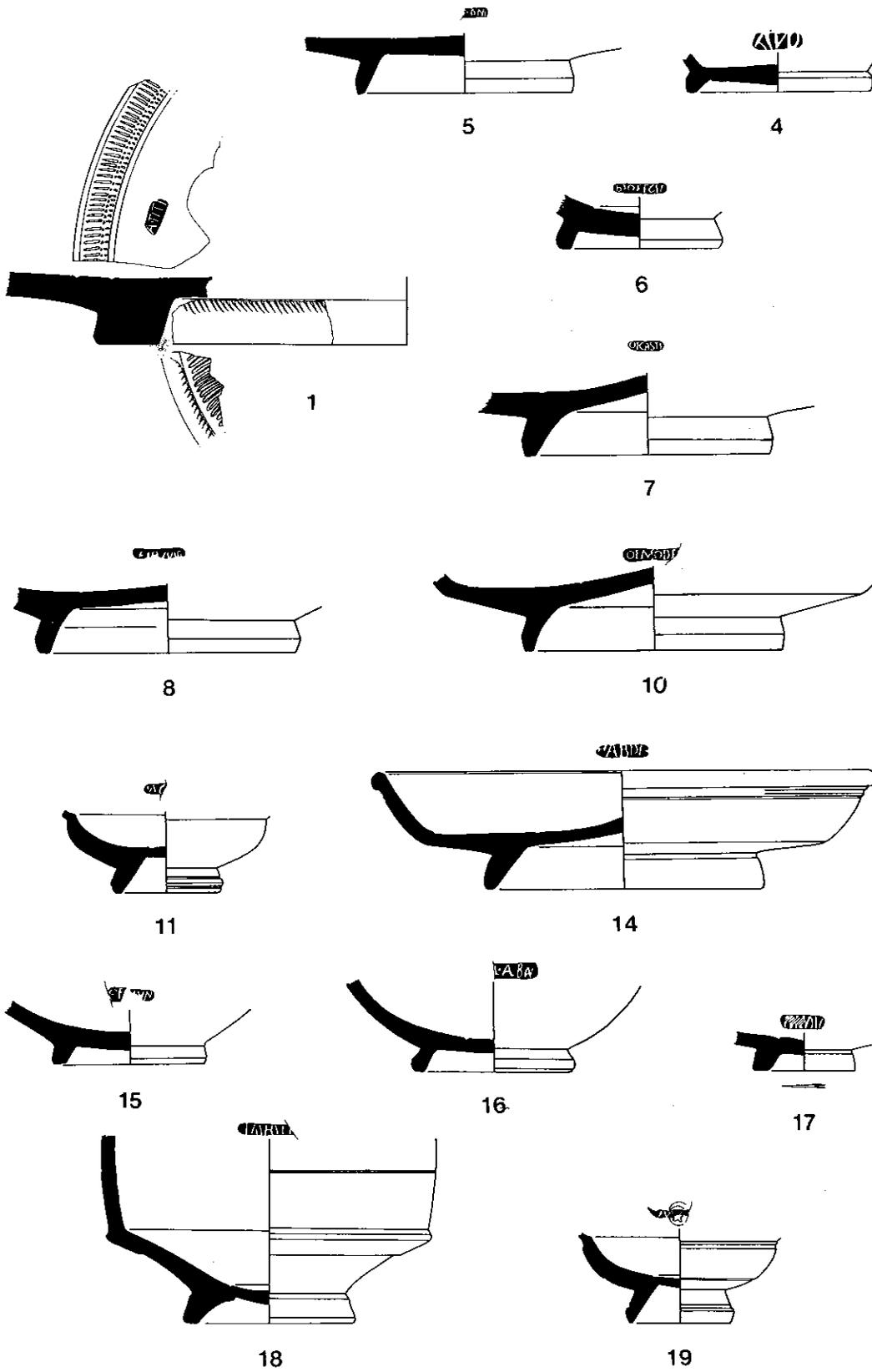
44. Fragmento de fundo de prato com largo círculo inciso (diâm. 72). Pé espesso e alto com a parede externa facetada e larga superfície de assentamento. O fundo pouco espesso apresenta a moldura externa característica seguida dum fina canelura. Pasta e vernis idênticos ao n.º 43. Dois grafitos completos, um dos quais no centro do fundo interno: R. Letra profundamente incisa com a parte superior angulosa e desproporcionada, o outro, também completo, na parede interna do pé parece um símbolo cujo significado desconhecemos. No fundo interno um outro grafito cortou o círculo inciso e danificou profundamente o vernis: ANNO (NN retro) 1711 e uma cabeça «romana» coroada. Trata-se evidentemente dum grafito feito sobre este fragmento em 1711, encontrado entre as terras remexidas da colina de Maximinos.
45. Fragmento de bordo dum tigel Drag. 37. Pasta e vernis idênticos ao n.º 42. Grafito (inteiro?) na parede externa: R com 5 pontos. É a presença dos pontos que nos leva a admitir que ele esteja inteiro. Não fôra a presença dos pontos e podia supor tratar-se dum grafito fragmentado idêntico ao n.º 42.
46. Fragmento de prato com o fundo elevado. O fragmento não permite ver se possui círculo inciso. Pé espesso, de secção quase rectangular com a parede externa angulosa. Moldura no fundo externo. Pasta e fabrico idênticos ao do n.º 41. Grafito fragmentado no fundo interno: SÄFL. Parece-nos claro o nexu entre o A e o L. Interpretamos os traços que encimam estas duas letras como um F em nexu com elas por analogia com a letra F dum grafito proveniente de Conimbriga (ALARCÃO, 1975, n.º 3, Pl. LXIII e ETIENNE, 1976, pp. 149 e 150, n.º 326). Na parede interna do pé presença de outro grafito que parece repetir as letras AFL com a diferença da barra do A ser horizontal e não oblíqua. Tal como para os fabricos notamos uma semelhança de escrita entre este grafito e a do n.º 41.
47. Fragmento de parede dum prato Drag. 27 com parede muito aberta, moldura pouco saliente e ângulo de ligação com o fundo pouco marcado. Pasta de cor terra siena tostada (M-39) com pouco desengordurante e em partículas muito pequenas. Alguns minúsculos vacúolos. O vernis parece ter sido muito brilhante mas apresenta-se deteriorado por condições de enterramento. Grafito fracturado na parte superior da parede: SVLCA?. Esta leitura feita sob todas as reservas é-nos sugerida pelo natural prolongamento da parte conservada das letras.
48. Fragmento de prato Drag. 15/17 com lábio ligeiramente engrossado e arredondado. A parede espessa-se em direcção à moldura interna alta e bem definida. Corresponde-lhe uma larga canelura externa. Pasta e vernis idênticos aos n.ºs 42 e 45. Grafito no fundo externo : TVE[?..]
49. Fragmento de fundo de prato com parede espessa em contraste com o fundo fino. Pé muito oblíquo de secção triangular com parede angulosa. Pasta e fabrico idênticos aos do n.º 47 e da marca n.º 31. O vernis é muito brilhante e bem conservado.
50. Pequeno fragmento de fundo com grafito externo profundamente gravado. Pasta de cor vermelho inglês (R-19/20) com abundantes e médias partículas amarelas de desengordurante. Vernis mate pouco espesso e muito aderente.
51. Pequeno fragmento de prato Drag. 15/17, limitado à moldura interna bastante larga mas ainda alta. Corresponde-lhe duas fundas caneluras externas formando entre si uma moldura angulosa. Pasta semelhante ao anterior com o vernis mate muito deteriorado.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília Moutinho e Jorge Alarcão, 1966/1967, Achados na vila romana de Cardílio (Torres Novas), *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV, pp. 292-320.
- ALARCÃO, Adília Moutinho, 1971a, A «Terra Sigillata» itálica em Portugal, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 421-432, pl. I a V.
- , 1971b, «Terra Sigillata» do Museu Machado de Castro, *Conimbriga*, X, pp. 45-78.
- , 1975a, Les sigillées italiques, *Fouilles de Conimbriga-IV*. Les sigillées, Paris, pp. 3-66.
- , 1975b, Les sigillées sud-galiques, *Fouilles de Conimbriga-IV*. Les sigillées, Paris, pp. 69-149.
- ALARCÃO, Jorge, 1975, Les graffites, *Fouilles de Conimbriga-V*. La céramique commune locale et régionale, Paris, pp. 155-158.
- ALMEIDA, Fernando, 1964, *Ruínas de Miróbriga dos Celtas (Santiago de Cacém)*, Setúbal.
- BAIRRÃO OLEIRO, J. M., 1951, Elementos para o estudo da «Terra sigillata» em Portugal, I. Marcas de oleiro encontradas no país, *Revista de Guimarães*, LXI, 1-2, pp. 81-111.
- BIDWELL, Paul T., 1979, *The legionary bath-house and basilica and forum at Exeter*, Exeter Archaeological Reports, I, pp. 182-184.
- BOUBE, J., 1965, *La terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane, I. Les marques de potiers*, Études et Travaux d'Archéologie Marocaine, I, Rabat.
- , 1979/1980a, La céramique italique à Sala. Les marques de potiers, *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, XII, pp. 139-215.
- , 1979/1980b, Index des marques de potiers italiques découvertes au Maroc, *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, XII, pp. 217-235.
- CAEIRO, J. Silva, 1974/77, O espólio da herdade do Reguengo, Vaiamonte III, *O Arqueólogo Português*, VII-IX, Lisboa, pp. 227-241.
- CAILLEUX, A., s/d., *Code des couleris des sols*, Ed. N. Boubée et Cie, Paris.
- CARDOZO, Mário, 1943, Escavações na citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, LIII, n.º 3-4, pp. 247-256.
- COMFORT, Howard, 1959, Some roman pottery in the Museu Etnológico, Belém, *Conimbriga*, I, pp. 1-12.
- CUNLIFFE, B. W., 1968, *Fifth report on the excavations of the roman Fort at Richborough, Kent*, Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 23, Oxford.
- , 1971, *Excavations at Fishbourne, 1961/1969*, Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 27, Leeds.
- ETIENNE, Robert, G. Fabre, P. et M. Lévêque, 1975, Graffites, *Fouilles de Conimbriga-II*. Epigraphie et Sculpture, Paris, pp. 143-205.
- FERRER DIAS, Luísa, 1976/1977, «Terra Sigillata» de Miróbriga (conservada no Museu Municipal de Santiago de Cacém), *Setúbal Arqueológica*, II-III, pp. 361-410.
- FRERE, S., 1972, *Verulamium excavations*, I, Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 28, Oxford.
- GABARITO GOMEZ, Tomas e M. Esther Solovera, 1976, *Terra Sigillata hispanica de Tricio II. Marcas de Alfarero*, *Studia Archaeologica*, 40, Valladolid.
- GOUDINEAU, Christian, 1968, *La céramique arétine lisse (Fouilles à Bolsena, 4)*, Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome, suppl. 6, Paris.

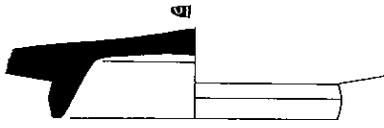
- LAUBENHEIMER, 1979, *La collection de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat*, C.N.R.S., Paris.
- MARY, G. T., 1967, *Die südgallische Terra-Sigillata aus Neuss*, Limesforschungen, Novaesium I, Berlin.
- MAYET, Françoise, 1970, A propos de deux potiers de Mérida: Valerius Paternus e Lapillius (Problèmes de Méthode), *Mélanges de La Casa de Velasquez*, VI, pp. 5-41.
- , 1973, Marques de potiers sur sigillée hispanique à Conimbriga, *Conimbriga*, XII, pp. 5-65.
- , 1975, Les sigillées hispaniques, *Fouilles de Conimbriga-IV. Les sigillées*, Paris, pp. 153-245.
- , 1978, Les importations de sigillées à Mérida au I siècle de notre Ere (Sigillées italiques et gauloises), *Conimbriga*, XVII, pp. 80-100, Est. I-VI.
- MEZQUIRIZ DE CATALAN, M. A., 1961, *Terra Sigillata Hispânica*, I-II, Valença.
- NUNES RIBEIRO, F., 1959, «Terra Sigillata» encontrada nas Represas-Beja, *Marcas de Oleiro*, I-II, *Arquivo de Beja*, XV, pp. 71-121.
- OSWALD, F., 1961, *Index of potters' stamps on Terra Sigillata «Samian Ware»*, Margidunum, Londres.
- OXÉ, A. H. Comfort, 1968, *Corpus vasorum Arretinorum*, Bonn.
- SANTOS, M. L. dos, 1971, *Arqueologia romana do Algarve (subsídios)*, I-II, Lisboa.
- SCHAETZEN e M. Vanderhoeven, 1964, *De terra sigillata te Tongeren*, II, Provinciaal Gallo-Romeins Museum.
- SERPA PINTO, R. de, 1929, Museu de Martins Sarmiento, III: Terra sigillata, *Revista de Guimarães*, XXXIX, 1-2, pp. 27-43.
- SOUSA, J. J. Rigaud de, 1973, *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, *Studia Archaeologica*, 23 Santiago de Compostela.
- UBIETO, M. Costa Arthur de, 1955/1956, Sobre a necrópole de Santo André (Santiago de Cacém) *Humanitas*, 7-8, pp. 174-176.
- VEIGA FERREIRA, O. da e R. Freire de Andrade, 1964, Algumas marcas de oleiro em «terra sigillata» de Vipasca (Aljustrel), *Revista de Guimarães*, LXXIV, 3-4, pp. 317-322.
- VEIGA FERREIRA, S. da, 1969, Marcas de oleiro em território português, *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, III, pp. 131-177.
- VERNHET, A., 1975, A propos des céramiques de Conimbriga, Appendice I, n.º 340, *Conimbriga*, XIV, Coimbra, p. 131.
- , 1983, Terminología y criterios de atribución. T.S.H. Sigillata Hispánica. T. S. H. T. Sigillata Hispánica Tardía, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*, I, 2, pp. 116-122.

ESTAMPA I

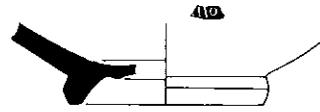


Sigillatas. (Esc. 1:2).

ESTAMPA II



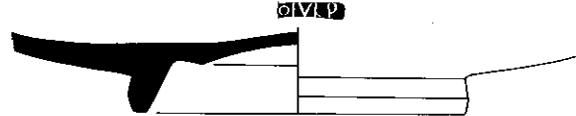
20



21



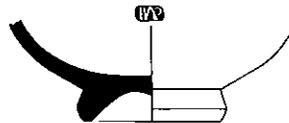
22



23



26



27



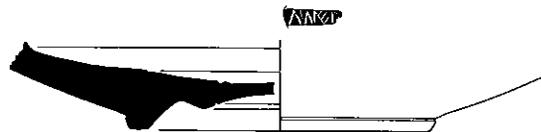
28



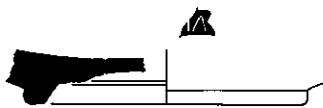
29



30



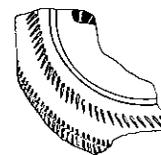
31



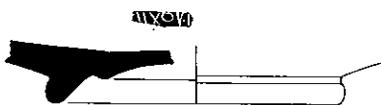
32



33



34



35



36

ESTAMPA III



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



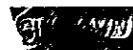
12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36

Marcas de Sigillatas. (Esc. 1:1).